

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Só depois das eleições

A pressão agora será dentro do Congresso. De um lado, parlamentares ligados às igrejas católica e evangélica. Do outro, militantes da causa gay que defendem a união civil entre homossexuais. "Não passará", diz em alto e bom som o deputado Severino Cavalcanti. "Vamos pressionar", rebate o presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), Luiz Mott. O ensaio geral começa no dia 2 junho em São Paulo, dia da Parada do Orgulho Gay. Queda-de-braço e bate-boca são comuns quando se toca numa questão polêmica como essa.

A batalha do movimento gay não será fácil. Hoje, os evangélicos somam 52 deputados no Congresso Nacional e atuam fechados em assuntos como esse. Outro grupo de 60 parlamentares defendem causas da Igreja Católica. A tropa está afinada e pronta para a guerra de nervos.

Não se pode subestimar a força destes 112 deputados. Em 1997, quando o projeto de Marta Suplicy chegou a entrar na pauta de votação, os parlamentares conseguiram, em apenas quatro dias, juntar 100 mil assinaturas de pessoas protestando contra a união civil dos homossexuais. Marta viu que ia perder e retirou o projeto da pauta. Mas a luta continuou.

Uma coisa tanto homossexuais quanto "religiosos" concordam: em ano de eleição, dificilmente uma questão polêmica como essa será votada. (TV)